

GERALDO AMÂNCIO DOS SANTOS



ENTRE LINHAS, CORES E MOVIMENTOS:

**UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

BELO HORIZONTE

2010

GERALDO AMÂNCIO DOS SANTOS

**ENTRE LINHAS, CORES E MOVIMENTOS:
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Maria Luiza Dias
Viana

Co-orientador(a): Mônica Medeiros
Ribeiro

BELO HORIZONTE

2010

Santos, Geraldo Amâncio dos

Entre linhas cores e movimentos: Uma experiência no Ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental

Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Geraldo Amâncio dos Santos. – 2010

36f.

Orientador (a): Maria Luiza Dias Viana

Co-orientador (a): Mônica Medeiros Ribeiro

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Viana, Maria Luiza Dias II. Ribeiro, Mônica Medeiros III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes IV. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais**

Monografia intitulada, Entre linhas cores e movimentos: Uma experiência no Ensino de Artes Visuais no Ensino Fundamental de autoria de Geraldo Amâncio dos Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

GA

BNV

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2010

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901.

DEDICATÓRIA

À minha neta Ana Clara, que chegou ao mundo, junto com esse trabalho...

A Geraldo Magela Campos, artista plástico, educador referência e grande amigo...

A todos educadores e trabalhadores da educação infantil e ensino fundamental.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

a Deus,

a toda minha família,

aos coordenadores, orientadores, tutores e funcionários do II CEEAV-Confins,

a Rosânia, pelo carinho e companheirismo,

aos colegas e amigos de curso e percurso.

a todas as pessoas que colaboraram com a compreensão e paciência.

“Atingi o momento em que o movimento do meu pensamento me interessa
mais que o próprio pensamento”.

Pablo Picasso

RESUMO

Esta monografia trata de uma experiência no Ensino de Artes Visuais vivenciada na Escola Municipal Francisco Borges da Fonseca da cidade de Contagem, Minas Gerais, com estudantes do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Recorre à conceituação contemporânea proposta para o Ensino de Arte e a sua base legal. Descreve uma experiência desenvolvida em sala de aula, cuja perspectiva é propor uma articulação entre o desenho, a pintura, a música e a brincadeira infantil. Aborda as dificuldades, as limitações e os resultados alcançados e aponta possibilidades a partir de novas experimentações e da integração entre técnicas, para a construção do conhecimento em Artes Visuais.

Palavras chaves: conhecimento - ensino - arte - desenho – brincadeira – infância.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Picasso, “Aves”, (1949), lápis.....	29.
Imagem 2 – Picasso“Galo”, (1918) aquela	29.
Imagem 3 – Picasso, “Animais”, (1907) detalhe, caneta.....	30
Imagem 4 – Picasso, “Cavalo e o treinador malabarista”,(1920),lápis .	30
Imagem 5 –Portinari “Meninos com Pipas”, (1947), pintura a óleo/tela	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 - O ENSINO DE ARTES VISUAIS DO ENSINO

FUNDAMENTAL

1.1 O ensino de Artes visuais	11
1.2. Aspectos legais para o ensino de Artes Visuais.....	13
1.3 Prática de ensino e a poética de criação.....	14

CAPÍTULO 2 - ENTRE LINHAS CORES E SONORIDADES

2.1 Contexto em questão.....	16
2.2 Trabalhando conceitos	17
2.3 Desenho: Entre a técnica, a imaginação e a reflexão	18
2.4 Entre cores, músicas e brincadeiras	20
2.5 Promovendo a reflexão	23
2.6 Recursos necessários à avaliação	24

CAPÍTULO 3 - CRIANÇAS FAMOSAS: PICASSO E PORTINARI

3.1 A escolha do contexto para as aulas de arte	25
3. 2 Picasso e o desenho, base de uma linguagem pessoal.	26
3.3 Portinari e a pintura, memórias da infância.....	30

CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	34
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo a investigação do Ensino de Artes Visuais, no primeiro ciclo do ensino fundamental, apresenta relato de uma experiência em sala de aula na Escola Municipal Francisco Borges da Fonseca, sediada no município de Contagem - Bairro Santa Cruz, no período de maio a julho do ano de 2009.

Procuro, com este estudo, compreender o ensino de artes visuais no contexto do processo Ensino/aprendizagem do aluno do ensino fundamental e no quanto estimula seu processo criativo. A hipótese deste trabalho é verificar a contribuição das Artes visuais no ensino aprendizagem do aluno do primeiro ciclo do ensino fundamental, ao proporcionar subsídios que favorecem seu desenvolvimento, capacidade criadora imaginação, fantasia por meio da atividade do desenho e da expressão de suas ideias.

Enquanto professor de arte penso que um bom motivo para se continuar trabalhando como educador em escolas públicas, é a possibilidade de observar e pesquisar de perto, o que se ensina e como se ensina Arte no ensino fundamental. Foi a partir daí, que surgiu o tema desta monografia no sentido de aprofundar-se no estudo da fundamentação e da metodologia do ensino de Artes Visuais no ensino fundamental no primeiro ciclo.

No primeiro capítulo apresento algumas perspectivas do ensino de artes no ensino fundamental, onde busco contemplar as concepções contemporâneas sobre o ensino de artes visuais, e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Para este estudo, além de uma pesquisa bibliográfica específica, utilizei textos do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

No segundo capítulo trata-se da descrição da minha experiência de trabalho como professor de artes no ensino fundamental especialmente no primeiro ciclo com crianças de 6 a 8 anos de idade e o relato de uma experiência em sala de aula na Escola Municipal Francisco Borges da Fonseca.

No terceiro capítulo foram abordadas as experiências dos artistas Pablo Picasso e Cândido Portinari e apontados aspectos referentes ao trabalho com obras de arte em sala de aula.

CAPÍTULO 1: O ENSINO DE ARTES VISUAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

1.1 Ensino de Artes visuais

Neste capítulo tratarei do ensino de artes visuais no ensino fundamental, dos parâmetros legais e as características do ensino de arte.

A arte é uma das mais antigas maneiras de expressão do homem no mundo, desde a era primitiva, com as primeiras inscrições nas cavernas e as pinturas rupestres, signos de comunicação entre eles. Desta forma podemos pensar na transmissão de informações e conhecimentos em gerais que são transmitidos através dos diferentes tempos, assim o aprender/ensinar já se encontra presente desde longínquos tempos.

O homem faz suas intervenções no mundo transformando e produzindo coisas e objetos, aliado a todo este processo a arte está presente em diferentes formas e manifestações e em cada momento histórico com suas características específicas. A arte passa a ter cada dia mais importância na vida de pessoas crescendo o interesse pelo seu conhecimento específico, o que a torna então área de conhecimento e disciplina nas escolas e universidades, sendo objeto de pesquisa e de formação para os profissionais da área.

No entanto o ordenamento legal com normas e valores que regulamentam o ensino de Arte é recente no mundo inteiro e coincide com as transformações educacionais ocorridas no século XX, sendo que no /Brasil estão presentes características semelhantes.

Segundo Juliana Gouthier, (2008) no Brasil no período de redemocratização na década de 1980, o ensino de arte teve um avanço que se concretizou por diferentes caminhos, especialmente no que se refere aos movimentos de lutas envolvendo arte-educadores. “Ocorreu um movimento em prol de mudanças na área do ensino da arte em decorrência do descaso com que esta era tratada. Foram realizados vários encontros, congressos e seminários e criadas associações estaduais de arte educadores”. (GOUTHIER, 2008, p.41)

Neste período houve uma intensa mobilização da sociedade civil na ocupação de seus espaços e uma busca pela inserção da educação na agenda política e

econômica nacional. A constituição de 1988 foi um grande avanço em termos de democracia para a sociedade brasileira, onde coloca como dever do estado e direito do cidadão o acesso à educação pública de qualidade, gratuita e universal. Neste contexto, predomina na sociedade a busca pelos direitos civis e pela cidadania e por novas concepções para a educação. O reconhecimento disto foi a promulgada da Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBN) Lei 9.394. de 1996.

A nova LDBN traz uma série de mudanças e conquistas para a educação, no que se refere ao ensino de arte, quando foi extinta a Educação Artística e inserida a disciplina Arte, que passa a ser reconhecida como área de conhecimento. O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (LDBN,1996,artigo 26, parágrafo 2º).

Esta mudança não foi apenas nominal, mas de toda a estruturação que envolve o tratamento de uma área de conhecimento. De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimentos em Arte. (GOUTHIER,2008,p.42).

O diferencial desta mudança está na fundamentação teórica e no direcionamento de uma metodologia de ensino que passa a considerar a construção de conhecimentos em arte, diferentemente da forma anterior, onde a recreação e qualquer atividade extraclasse eram confundidas com o ensino de Arte.

No Brasil houve uma importante sistematização do ensino da arte, com a contribuição de Ana Mae Barbosa com a Abordagem Triangular, presente desde o final dos anos de 1980 até o início da década de 1990. Segundo Gouthier, Barbosa ressalta o que chamou de dupla triangulação.

A primeira de ordem epistemológica sintetiza os componentes do ensino/aprendizagem da arte no fazer artístico, na leitura da obra de arte e na história da arte. A segunda está na origem da sua proposta, baseada principalmente em referência conceituais das *Escuelas Critical Studies*, da Inglaterra, e no movimento associado ao DBAE *Discipline Based Art Education*, dos Estados Unidos. (GOUTHIER,2008,p.42).

De acordo com a autora, no DBAE, Barbosa demonstra a importância do ensino sistematizado, desde 1982, por diferentes estudiosos, que defendiam que a arte tem um conteúdo específico a oferecer, e que seu aprendizado não consiste apenas em manipular materiais e o uso de algumas técnicas.

Baseado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, em 1998, houve o reconhecimento oficial da arte como conhecimento, com a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

1.2 Aspectos legais para o ensino de Artes Visuais

Nos dias atuais as Artes Visuais, são consideradas não apenas as formas tradicionais, como pintura, escultura, gravura, arquitetura, desenho, artefato, acrescentam-se ainda outras modalidades que acompanham os avanços tecnológicos e as transformações do mundo contemporâneo. Essas transformações se caracterizam por uma revolução no processo de produção de imagens como fotografia, vídeo, cinema, televisão, artes digitais e artes gráficas.

A educação em artes visuais exige uma pesquisa contínua na busca de informações sobre experiências relativas a materiais, técnicas e formas visuais, relacionadas com os momentos históricos incluindo a contemporaneidade. A escola neste sentido deve colaborar para que o aluno possa vivenciar experiências de aprender e criar, articulando percepção e imaginação.

De acordo com os PCN, os blocos de conteúdos de artes visuais para o primeiro e o segundo ciclos, são:

- Expressão e comunicação na prática dos alunos em artes visuais.
- As artes visuais como objeto de apreciação significativa.
- As artes visuais como produto cultural e histórico

1.3 Prática de ensino e a poética de criação

Assim de acordo com a regulamentação para o ensino e artes visuais entendemos que é preciso que o educador de artes visuais no primeiro ciclo do ensino fundamental provoque nas crianças o exercício da abstração, da construção da imaginação e da construção plástica, como forma de se expressar artisticamente. O desenho da criança, por exemplo, se bem cultivado e acompanhado em seu processo de desenvolvimento, longe de ser um passatempo pode ser um exercício lúdico que envolve a imaginação. Enquanto brinca com o ponto, que se arrasta que vira um traço, uma linha que se movimenta para a criação da forma, a criança acaba aprendendo com suas próprias potencialidades e descobrindo de uma forma direta e única um modo de perceber e representar o mundo.

O educador deve saber dosar a brincadeira na exploração da oralidade com a fruição, a contextualização e a experimentação estética, para que não aconteça a predominância da recreação e o que é pior até a banalização do ensino de Artes Visuais.

O ensino de Arte, no ensino fundamental e em qualquer nível de ensino, certamente, não é atividade lúdica apenas. Mas é principalmente no início do ensino fundamental, com crianças a partir de 6 anos, que se pode produzir fantasia e imaginação na vivência lúdica do ensino de Artes Visuais. Desperdiçar esse momento é pular etapa e perder a oportunidade de trabalhar a criatividade e a construção plástica. Através de exercícios que estimulem o desenho a apreciação e a percepção de imagens

O ensino de arte no ensino fundamental, no primeiro ciclo, estimula a criação de novas possibilidades de contato das crianças com materiais diferentes e acessíveis para a fruição e experimentação no sentido de se promover a percepção visual e a expressão artística, podendo ser sistematizada de acordo com os novos conceitos da contemporaneidade para o ensino de Artes Visuais.

Estas possibilidades podem ser experimentadas a partir da apresentação para as crianças das experiências de outros artistas através de suas obras na medida em que se possa investir na interatividade, ou seja, quando o aluno pode participar ao tocar, sentir, experimentar a obra, onde o elemento visual possa ser um transformador da condição da criança de espectador passivo, contemplativo para um

sujeito fruidor e ativo.

A partir do contato com diversas experiências artísticas, reinventando o seu próprio jeito de perceber a sua poética criativa e brincando sem deixar de fazer arte, a criança poderá construir uma relação lúdica e dinâmica com o mundo à sua volta.

Essa construção pode ser realizada com sucata e materiais alternativos aproveitando-se de todas as suas possibilidades pedagógicas. Muitas vezes, uma atividade pode ser muito rica, ser apresentarmos uma obra ou um processo de algum artista com o propósito de estimular a imaginação e a criatividade do aluno.

Um exemplo de aula pode ser baseado na construção de móveis a partir da obra do artista norte americano Alexandre Calder (1898-1976), consagrado como grande inovador da escultura no século XX. Este artista trabalhou o movimento, criando móveis, criativos, lúdicos, dinâmicos, agradáveis de se olhar, que podem ser referenciados em trabalhos com crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental, recém-chegadas da educação infantil.

CAPÍTULO 2 - ENTRE LINHAS, CORES E SONORIDADES

2.1 O contexto em questão

Durante o ano de 2009 e no primeiro semestre de 2010, ao mesmo tempo em que eu era aluno do curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais à distância da UFMG, trabalhei na função de professor substituto de Arte no primeiro ciclo do ensino fundamental, trabalhando temporariamente em várias escolas. Passei em sete escolas públicas municipais da cidade de Contagem, quando procurei conciliar o ensino de Artes Visuais à oportunidade de socializar os conhecimentos teóricos e práticos, oferecidos através dos conteúdos das disciplinas desse curso de especialização. Apresento o relato de experiência em uma destas escolas, a Escola Municipal Francisco Borges da Fonseca.

Realizei a experiência nesta escola, nos períodos de maio a julho do ano de 2009, sediada no município de Contagem na rua Servilha, 455 - Bairro Santa Cruz, onde trabalhei com sete turmas com aproximadamente vinte alunos em cada sala.

O Bairro Santa Cruz, tem uma ótima infraestrutura de comércio, prédios e casas pertencentes ao antigo Conjunto Habitacional Santa Cruz Industrial, e localização próxima ao centro comercial do bairro Eldorado, região de grande desenvolvimento social e econômico da cidade de Contagem.

A estrutura física da escola é completa, com quadra de esportes, um parquinho e uma área muito bem distribuída e planejada para o seu espaço que não é tão grande, pois a escola foi construída dentro da área do conjunto habitacional. A escola conta com uma biblioteca bem montada, sala de vídeo e laboratório de informática, sala de arte bem montada, apesar de não ser muito espaçosa que atende bem a quantidade de alunos. A escola conta também com bons equipamentos e recursos didáticos.

2.2 Trabalhando conceitos

Escolhi entre as atividades oferecidas no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, o conteúdo da disciplina de Artes Gráficas, como possibilidade de produção de imagens para a criação de pequenas histórias em quadrinho sem texto, apenas desenhadas, como o objetivo de propor um trabalho para as minhas aulas de Arte deste período.

A justificativa para esta escolha se deve ao fato de que os alunos do primeiro ciclo, principalmente do primeiro ano, são os alunos de 6 anos de idade, recém-chegados da educação infantil. Isto significa que muitos deles, já se encontravam com o processo da alfabetização em andamento. O qual suponho que quanto mais precoce a alfabetização, maiores serão as possibilidades de inibição e interrupção da poética de criação expressa através do desenho.

Por essa razão, o meu interesse em atuar no ensino de Artes Visuais nesta fase inicial do ensino fundamental, transformou-se em uma meta. Pesquisar, resgatar e estimular essa poética do jogo e do faz de conta, passou a ser o meu propósito, enquanto professor de arte.

O meu interesse está também em valorizar a experiência e o papel do educador e pesquisador do universo lúdico infantil, ao buscar um entendimento do significado do brincar da criança com o desenho, neste período da educação básica.

Nesta busca me deparei com conceitos diferenciados, muitos deles oriundos da Psicologia. No livro, “O espaço do desenho: A educação do educador”, a autora Ana Angélica Albano Moreira que relaciona a interrupção do brincar e a interrupção do desenho espontâneo e criativo da criança, com a alfabetização precoce já na escola maternal. A imaginação da criança potencializada e representada no desenho espontâneo e expressivo necessita ser mantida em equilíbrio com o processo de alfabetização.

Porém procurei comparar esses conceitos com as declarações de Pablo Picasso (1881-1973) através do livro sobre os seus desenhos em uma só linha cujo título é: “Picasso em uma só linha”, que traz desenhos e citações do artista sobre o significado do brincar em relação ao desenho.

Segundo Ana Angelica Albano Moreira,

A criança que deixa de desenhar ao entrar na escola, porque deixa de brincar, apenas desnuda a relação de poder do adulto sobre ela na escola. Porque a criança está deixando uma forma de expressão que é sua, para seguir um padrão escolar imposto. (...) Despreza assim a linguagem natural da criança que se expressa através do desenho e do jogo e procura equipá-la com uma linguagem ensinada. Porém, enquanto aprende a dominar um novo código, a criança vai sendo dominada. (MOREIRA,1993,p.67),

Segundo Pablo Picasso,

Dentre os muitos métodos (tradicionais e inovadores) empregados em seus trabalhos em papel, a linha pura ocupa um lugar significativo. "Desenhar não é brincadeira", disse ele certa vez. "Uma única linha poder representar um ser vivo é coisa muito séria e misteriosa. Não só a imagem, mas sobretudo o que ele realmente é. Que maravilha! Não é mais surpreendente do que todos truques de mágica e todas as coincidências do mundo?" Como sabemos, não existem linhas na natureza: muito do fascínio do desenho é o alto nível de abstração e a capacidade de transmitir grande quantidade de informação com um mínimo de recursos. Picasso desenhava em vários estilos, desde os extremamente polidos retratos de Ingres às figuras metamórficas do período surrealista. Em seus desenhos de linha única, embora alguns apresentassem maior ornamentação, Picasso conservava a mesma técnica, mas tinha o dom de captar uma extraordinária variedade de expressões sem variar o estilo. (PICASSO, in GALASSI,1998,p.8)

2.3 Desenho: entre a técnica a imaginação e a reflexão

Depois de fazer essa comparação, entendi que o melhor sentido do brincar em relação ao desenho nesta etapa da educação básica, não está na brincadeira recreativa, e sim no estímulo à capacidade da criança de se abstrair, traduzindo através do seu desenho a sua verdade contida na sua fantasia e imaginação. A citação de Picasso esclarece essa necessidade da valorização com seriedade da fruição do significado dessa abstração que pode proporcionar através do desenho, não só a imagem, mas também a representação da ideia como uma espécie de caricatura do que ela significa na realidade.

O fazer artístico em uma só linha como um processo de criação, possível e passível de ser estimulado, não é mágica e sim metodologia que Picasso desenvolveu e eu resolvi aplicar nas minhas aulas, justamente pelas possibilidades de explorar esse "fascínio do desenho", como descreveu a historiadora de arte ao comentar a obra do artista.

A escolha desta técnica de ensino de desenho de Picasso em uma só linha,

como contextualização teórica para a produção de imagens foi o primeiro passo da minha metodologia de planejamento para o ensino de Artes Visuais no primeiro ciclo do ensino fundamental.

Procurei promover uma reflexão sobre a produção de imagens através do desenho começando com uma aula expositiva no quadro sobre os elementos visuais que compõem a formação de uma imagem. Desenvolvi um raciocínio lúdico sobre a história de um ponto que sai pulando e se multiplicando, formando imagens em linha pontilhada, depois se cansou, parou e continuou o seu movimento se arrastando como uma linha contínua e única. Pedi a todos os alunos que fizessem um exercício com essa ideia no caderno de arte, imaginando um desenho animado com essa história. Depois pedi que esse desenho animado imaginado, fosse transformado em história em quadrinho.

Nessa reflexão dei ênfase ao movimento das mãos no ar e ao ritmo, alternando a direção e a velocidade do meu gesto, para influenciar a percepção da expressão da linha contínua e da forma produzida por este movimento na construção das imagens. Relacionei a importância de se poder fazer um jogo teatral de adivinhação, onde cada aluno fez a encenação e a mímica de um desenhista e todos teriam que adivinhar o que ele estivesse desenhando de olhos fechados no ar. Depois desses exercícios de percepção das formas imaginadas e desenhadas no ar, pedi que as desenhassem no caderno de arte.

Esse exercício de desenho no caderno foi direcionado como aplicação da atividade anterior, onde a metodologia adotada foi o uso da linha contínua, sem tirar o lápis do papel e sem o uso de borracha. Logo em seguida propus a construção plástica dessas formas com barbante e massinha de modelar. Para uma melhor fruição da ideia, também fiz uma demonstração de conformação de um fio de energia elétrica maleável e encapado colorido, de acordo com a forma de um desenho escolhido, mostrando a transformação de uma linha bidimensional em uma construção plástica tridimensional. Como se o desenho no caderno de arte tivesse se erguido se libertando do papel e se transformado nesse fio conformado na mesma forma do desenho.

2.4 Entre cores, músicas e brincadeiras

Na segunda parte da proposta, busquei na biblioteca para cada aluno, um livro da coleção “Crianças Famosas - Portinari” dos autores Angelo Bonito e Nadine Trzmielina (1997) que conta a história do menino que se transformou no grande pintor brasileiro Cândido Portinari. Depois de ler e comentar a história da infância do artista com as crianças escolhi a obra: “Meninos com Pipas”, 1947, para desenvolvermos uma análise dessa obra. Analisamos todos os elementos visuais apreciados, onde cada aluno fez o seu comentário. A representação de maneira simples, mas com a personalidade de um estilo de influência cubista, revela detalhes e a sutileza dos aspectos de composição, e da poética da intenção de Portinari em mostrar um cenário de brincadeira de criança.

Provoquei uma discussão sobre as formas e cores utilizadas pelo pintor e pedi que todos imaginassem como poderíamos criar uma história desenhada com a variação de movimentos das crianças brincando com pipas. A partir da contextualização do espaço e da realidade de cada um, propus aos alunos que se imaginassem brincando no seu espaço da sua comunidade, reproduzindo o seu ambiente próprio. Pedi também que ilustrassem a intenção clara da sequência do movimento da brincadeira com as pipas, para atender o objetivo e a proposta da aula de arte.

Cada criança fez seu comentário, e o que ficou claro foi a dificuldade que elas demonstraram em se imaginar, brincando sozinhas sem seus pais, na rua com os colegas soltando pipa. Muitas admitiram nunca ter brincado pelas limitações da idade, pela falta de espaço apropriado e seguro, onde moram e principalmente pelo fato de se ter rede elétrica de alta tensão por todo lado. Mas no desenho elas expressaram a alegria da brincadeira, a intenção do movimento em função do processo de abstração que se estabeleceu a partir da apreciação da obra.

Na terceira parte da proposta, apresentei o brinquedo denominado, “Barangandão”, que construí, inicialmente apenas um, para a apreciação dos alunos, com a intenção de substituir a pipa nessas histórias desenhadas. Pois trata-se de um brinquedo da cultura popular, bem mais acessível em relação à pipa, tanto para fazer, como também para brincar. Este brinquedo normalmente é feito de jornal dobrado e enrolado com tiras de papéis crepons ou de outros materiais, como

tecidos e plásticos, coloridos em uma das pontas.

Ele é amarrado com um pedaço de barbante no meio do rolinho de jornal, que permite que a criança possa brincar rodando, girando, arremessando e soltando para o alto. Ele sobe como um foguete de cauda colorida e desce formando um arco íris no céu.

Transformei essa história em história cantada e gravei em CD a música: “Barangandão, foguetinho bom”, na faixa 6 do meu disco, “Canções e brinquedos da ecologia lúdica” o que permitiu também uma coreografia com três variações passíveis de serem ilustradas. Demonstrei em uma sequência dinâmica de gestos a descrição da brincadeira, de acordo com o ritmo conhecido como chorinho e a letra da canção em sincronia com a coreografia. A coreografia pôde ser visualizada e transformada também em uma história desenhada com a representação visual sequencial de cada variação.

Desta forma, apresentei a coreografia da primeira parte da história, ao som da música explicando e relacionando a contagem do tempo do compasso musical binário¹, conforme desenho feito no plano de aula com as descrições em anexo. Girei o brinquedo para um lado, contando (1) e batendo um pé no chão. Girei para o outro lado, contando (2) e batendo outro pé no chão novamente, cantando duas vezes este refrão: “Barangandão, barangandão brinquedo bom, é um foguetinho que tem rabo de crepom”! O movimento alternado com o brinquedo e a métrica estabelecida pela contagem e pela batida do pé, acompanhando a letra da música prendeu a atenção das crianças.

Na sequência, apresentei a segunda parte da história cantada, desta vez girando o brinquedo pelo barbante em 360 graus por quatro vezes, cantando: “Que gira e brilha no barbante e vai ao céu!” E logo em seguida soltei o brinquedo para o alto para que ele subisse.

Na terceira e última parte da história, que acontece imediatamente após o arremesso ao alto do brinquedo, eu me desloquei para pegar o brinquedo antes que ele caísse no chão, cantando: “E desce feito um arco íris de papel”! As descrições dessa segunda e terceira parte da história, também foram feitas e desenhadas no

¹ - Compasso binário: É a forma de se organizar o ritmo musical sucessivamente, em dois tempos de duração igual, porém a intensidade da batida do primeiro tempo é mais forte do que a batida do segundo tempo. Portanto o ritmo da música do barangandão foi construído com o compasso binário, no estilo de variação rítmica genuinamente brasileiro denominado: “Chorinho”.

plano de aula.

Esse momento mágico e divertido de abstração foi acompanhado atentamente pelas crianças, que cantavam junto comigo a canção e visualizavam a coreografia. Depois desse momento especial, pedi para que elas desenhasssem no caderno de arte as três partes da história da forma que visualizaram a minha apresentação. Fiz um esboço no quadro apenas para orientar a construção das imagens e apaguei, sobre alguns protestos, mas expliquei que eles precisavam desenvolver por si próprios a sua construção, sem copiar simplesmente do quadro os meus desenhos. Sugeri também que eles aplicassem a técnica do desenho em uma só linha, pelo menos para o desenvolvimento do esboço da ideia, procurando auxiliar aos alunos com maiores dificuldades.

Depois de apagar o quadro, orientei apenas sobre alguns detalhes e recursos representativos do desenho para mostrar as intenções de movimento dos personagens da história. Na sequência, dei a liberdade a cada um para colorir e desenvolver o seu comentário sobre a atividade para agregar valor à oralidade da história com a sua própria versão. Aproveitei para pedir para cada professora de sua respectiva sala, que também estimulasse a interpretação oral da história de cada um.

Na quarta parte da proposta apresentei aos alunos o vídeo sobre a “monotipia” disponibilizado pelo curso de especialização em ensino de Artes Visuais para dar sequência às ilustrações da história desenhada do “Barangandão” com a gravura também. O objetivo dessa apresentação foi mais a visualização da ideia do processo, justamente pela idade das crianças, não tive a preocupação de traduzir os detalhes da narrativa do processo. Pois a minha verdadeira intenção foi mostrar outra forma de ilustração e produção de imagem, que conciliasse o desenho, a pintura e a gravura com a possibilidade de experimentação de novos suportes além dos papéis utilizados na escola.

Levei para a sala de aula uma embalagem de “leite longa vida” vazia, limpa e aberta em forma de chapa, equivalente ao tamanho de uma folha de formato A4, mostrando a parte interna da embalagem constituída de papelão, revestida por uma fina camada de alumínio e sobre ela outra fina camada de plástico transparente. Fiz a experiência como demonstração do processo de monotipia, conforme eles já tinham visto no vídeo, utilizando essa chapa. Acrescentei outra experiência com o desenho sobre a superfície da chapa pintada, porém desta vez, com a tinta seca. À

medida que eu desenhava pressionando um palito de fósforo ou o cabo dos pincéis de pintura pequenos, sobre a chapa, retirava a tinta ao traçar uma linha, esta linha revela-se de forma expressiva na cor do alumínio da embalagem, contrastando com a cor preta da pintura utilizada na chapa. A essa nova experiência dei o nome de “linhas expressivas”.

2.5 Promovendo a reflexão

Procurei colocar em prática os conhecimentos adquiridos na aula presencial que tive sobre a monotipia do CEEAV- UFMG e agregar valor a produção dessa história, como uma atividade complexa que contemplasse as diretrizes dos PCNs-Arte, que propõem uma educação visual transformadora de conhecimentos em arte, através de uma proposta educacional complexa.

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal. A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos de os alunos transformarem seus conhecimentos em arte, ou seja, o modo como aprendem, criam e se desenvolvem na área. Criar e perceber formas visuais implica trabalhar sempre com as relações entre os elementos que as compõem, tais como ponto, linha, plano, cor, movimento e ritmo. (MEC,1997,p.61)

A apreciação da monotipia em vídeo e a sua demonstração foi usada para esta proposta de aula, apenas para contextualizar a ideia do desenho com a experimentação de um novo suporte, com a tinta fresca e com a tinta seca. Pois o tempo de permanência nesta escola não seria suficiente para o desenvolvimento da atividade que requer muita sensibilidade e cuidado para não manchar a impressão. Por isso dei mais ênfase ao desenho sobre o suporte com a tinta seca.

Propus a reprodução dos próprios desenhos da história em três partes com a nova técnica ensinada, utilizando um suporte dessa experimentação de materiais, para cada parte da história e mais uma capa para que pudéssemos encadernar as histórias e montar uma exposição dos trabalhos. A reprodução dos trabalhos foi estimulada em duas etapas, sendo que na primeira etapa, os alunos utilizaram o

rolinho de espuma para cobrir de tinta as embalagens, para o fundo de cada parte da história com uma cor diferenciada. Para a produção do desenho do personagem e do barangandão sugeri que eles utilizassem pincéis para acrescentar outras cores distribuídas e sobrepostas de acordo com o desenho e a contextualização da pintura da obra de Cândido Portinari, “Meninos com Pipas”.

Retomei a discussão sobre a harmonia e a distribuição das cores na obra do pintor para que os alunos aplicassem em seus trabalhos, explorando a expressividade da linha na cor do alumínio e contornando as cores distribuídas. Alguns alunos optaram em trabalhos monocromáticos, com apenas a cor do fundo de cada história.

Para a culminância da exposição dos trabalhos, construí com os alunos e suas professoras, um brinquedo para cada um, para complementação de todo o processo trabalhado nesse meu período de substituição na escola Francisco Borges.

2.6 Recursos necessários e avaliação:

Os recursos necessários disponíveis pela escola foram: Aparelho de vídeo, aparelho de som/ cd, tinta, guache nas cores preta, amarela, azul, verde e vermelha, rolinho de espuma de tamanho médio e pincéis de pintura pequenos, jornais, papel crepom nas cores amarelo, azul, verde, vermelho e um rolo de barbante. E por aluno: Caderno de arte, lápis, apontador, tesoura sem ponta, quatro embalagens de caixas de “leite longa vida”, abertas e limpas no formato de um papel ofício, palitinhos de fósforos.

Esta vivência nesse momento de estudo e trabalho, juntamente com a experiência na Escola Francisco Borges da Fonseca citada, transformou-se em projeto levado a todas as outras escolas por onde tenho passado. A avaliação de resultados quantitativos e qualitativos desta atividade complexa foi muito positiva em relação à produção de conhecimento em arte, na perspectiva dos PNCs, para os alunos e para a comunidade escolar. Pois o trabalho com a produção de histórias desenhadas com as linhas expressivas, possibilitou a percepção e a criação de formas visuais. Através da relação com os elementos visuais trabalhados e contextualizados na análise da obra do artista Cândido Portinari e na metodologia de construção de imagens pelo desenho em uma só linha de Picasso e a experimentação de novos suportes e materiais expressivos.

CAPÍTULO 3: CRIANÇAS FAMOSAS: PICASSO E PORTINARI

3.1 A escolha do conteúdo para as aulas de arte.

A expressão popular que diz que “as palavras comovem e os exemplos arrastam”, talvez possa ter sido a forma adequada de sinalizar a minha intenção didática para respaldar o exemplo do grande artista espanhol, Pablo Picasso (1881-1973) e do brasileiro Cândido Portinari (1903-1962). Esses dois grandes artistas que são as referências para o tema desta monografia, pois cada um deles, desde criança sempre gostou de desenhar e pintar e felizmente foram crianças muito amadas e estimuladas pelas suas famílias, segundo as minhas pesquisas sobre os dois artistas. Em situações diferentes, independentemente da profissão e da condição sócio-econômica de seus pais, as suas famílias criaram condições para que eles estudassem arte desde cedo. Esse aspecto é de fundamental importância para se comparar com a realidade de muitas crianças, que ao contrário de Picasso e de Portinari, quando encontram esse estímulo e descobrem seu gosto pela arte, muitas vezes, encontram somente na escola, através de professores que fazem a diferença em suas vidas.

Os bons exemplos e as boas referências de artistas como eles, como também a ação transformadora de professores de arte, direcionada para a construção do conhecimento em arte poderão ser sempre bons diferenciais, ao longo do processo de aprendizagem de arte na vida das crianças. Desde a educação infantil é necessário fomentar situações favoráveis ao ensino e aprendizagem de Artes visuais com a responsabilidade de prepará-las e despertá-las para a percepção e a construção de imagens.

Receber bem essas crianças, recém-chegadas da educação infantil no primeiro ano do primeiro ciclo do ensino fundamental e estimular a sua imaginação, é não deixar que o processo de alfabetização mude o foco dessa situação. Procurei potencializar a abstração dessas crianças com uma boa fundamentação teórica e uma metodologia preparada com muito amor, para que a minha aula de arte na escola não representasse para elas, apenas sinônimo de relaxamento, recreação e entretenimento. Como já havia mencionado no primeiro capítulo, a aula de arte não pode ser transformada em recreação, mas também não deve deixar de ser divertida, prazerosa e estimulante, principalmente por se tratar de crianças com a idade de 6 a

8 anos. O caminho percorrido neste sentido foi decisivo para a escolha da efetivação e da sistematização dos conteúdos trabalhados na experiência com o ensino de Artes Visuais na Escola Municipal Francisco Borges da Fonseca.

3.2 Picasso e o desenho, base de uma linguagem pessoal.

Pablo Picasso (1881-1973) nasceu na Espanha, na cidade de Málaga em 25 de outubro de 1881, filho do professor de arte Dom José Ruiz Blasco (1838- 1913) e de María Picasso López (1855 – 1939). Segundo Tereza Campos, professora titular de História da Arte, na Universidade Autônoma de Barcelona, coleção Folha, Grandes Mestres da Pintura, Pablo Picasso não seria apenas um pintor famoso, sua obra é de uma expressividade abrangente a vários expectadores. A sua vida longa sua diversificada e numerosa produção; sua capacidade de atualizar os grandes temas, sua sensibilidade para tratar com arte o contexto social e político. Continua a autora:

Na base de sua obra observa-se, por um lado, uma grande disposição pictórica e uma enorme capacidade de trabalho. Por outro lado, encontra-se o recurso básico e elementar de todo projeto artístico: o desenho. O traço, o domínio da linha implica a capacidade de anotar, descrever sintetizar, de dar forma a uma idéia ou uma visão e de defini-la sobre o branco e vazio espaço do papel ou da tela. (...)Picasso aprendeu desenho com seu pai. Sua adolescência foi pontuada por desenhos e anotações rápidas. Com o desenho explorou as possibilidades ao estilo acadêmico, impressionista, simbólico e cubista. O desenho também esteve na base de suas gravuras. Graças a ele decorou as cerâmicas, pintou cartazes e esboçou esculturas. Suas obras mais representativas se baseiam na sabedoria com que usou o desenho como organizador de forma, e instrumento de conexão e relação de planos. (CAMPOS,2006,p.31,32).

De acordo com Galassi (1998, p.7), Picasso começa seu percurso artístico desde a infância, com os rabiscos e desenhos nas margens dos livros de escola, nos blocos de desenhos retratando a família, que revelaram uma capacidade de caracterização muito bem desenvolvida para a sua idade de onze anos. Na Escola de Belas Artes de Barcelona, em 1895-96, seus trabalhos produzidos em gesso e modelo nu, demonstraram que o jovem apresentava um domínio das convenções acadêmicas aos 15 anos de idade. O desenho sempre teve um lugar central em toda a sua carreira de 75 anos que foi desde a pintura, escultura, gravura e cerâmica.

No livro Picasso em uma Só Linha, Galassi, nos convida a seguir do início até

o fim o traço contínuo produzido pelo movimento solto, livre e acrobático, expressos nas figuras que nos levam a uma viagem. Com o uso de caneta, nanquim, lápis, creon, pincel e aquarela, Picasso exercitava com prazer o uso do desenho em uma só linha na qual não retirava a mão do papel antes de terminar sua figura.

O artista tinha um prazer no processo de desenhar dadas as infinitudes de possibilidades de expressões da linha e não se prendia a apenas a busca de soluções de problemas. Seus desenhos foram usados como ilustrações de livros de amigos, outros são ligados a seus trabalhos para o teatro. Os temas de seus desenhos são figura humana, animais, arlequins, pierrôs da *commedia dell'arte*, artista de circo, músicos de jazz bailarinos, as quais Picasso se identificava e eram inspirações para suas obras (GALASSI, 1998, p.7).

Na experiência em sala de aula com alunos foram utilizadas as obras de Picasso e Portinari, sobre Picasso foi usado o livro *Picasso em uma só Linha*, de Galassi, sobre Portinari foi usado o livro *Crianças Famosas*. Portinari de Trzmielina e Bonito para apreciação, contextualização da técnica de desenho e fruição para o processo de construção das imagens, para a proposta de histórias desenhadas. Sendo as obras usadas: *Aves* p. 47, *Galo* p. 48, *Animais* p 50, série de imagens do cavalo e treinador-malabarista, p. 66 a 73, seguem com as imagens ilustrativas. Obra de Portinari usada, *Meninos com Pipas* de 1947.

Obras de Picasso

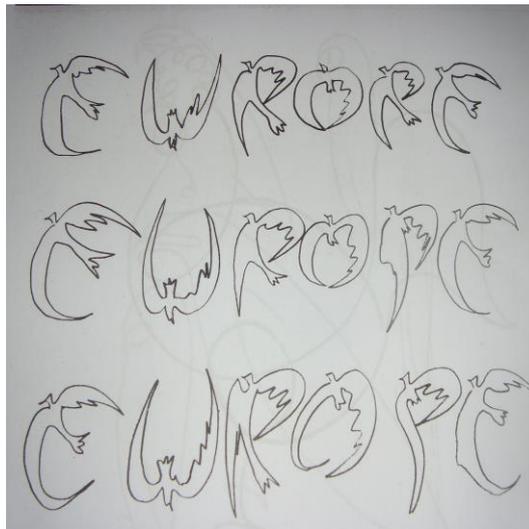


Imagem - 1 Picasso "Aves" (1949) a lápis no papel

Aves - Não há comentário da autora sobre esta obra, observamos que nela Picasso expressa através de uma sequência de movimentos dos pássaros o nome de seu continente natal, (europeu). Esta sequência tem uma importância no desenvolvimento do trabalho em sala cujo objetivo era desenvolver uma história desenhada com movimentos sequências aproveitando todas as possibilidades de proposição de uma ideia sem uso de escrita.



Imagem – 2 – Picasso, "Galo", (1918), aquarela

Galo - em aquarela (com versões que ilustraram o livro de Jen Cocheau sobre teatro musical, galo e arlequim publicado em 1918). Neste observamos toda a expressividade do contorno anatômico do galo com sua elegância natural, com toda a criatividade que nos mostra Picasso.

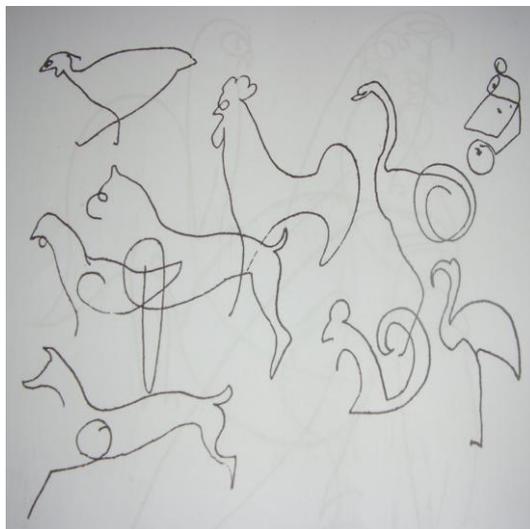


Imagem-3 Picasso "Animais" (1907) detalhe, caneta

Animais – Nesta obra o artista fez um estudo para a série o Bestiarie, animais de Guillaume Apollinaire, em 1907.

A seguir as imagens, 4 referem-se à Série de imagens do cavalo e treinador malabarista, Picasso.



Imagem - 4 Picasso, "Cavalo e treinador-malabarista", 1920, lápis

Série de imagens do cavalo e treinador malabarista - “A magia do desenho de Picasso se expressa melhor na série de imagens de cavalo e treinador-malabarista (p. 66-73), a lápis, realizada em 1920. Essa série capta efetivamente todo o estrelismo, a sagacidade e o domínio dos recursos fundamentais nas obras em linha, numa elegante alegoria da arte. Uma única linha cria o malabarista substituo do artista equilibrando um objeto na cabeça, brandindo o chicote (o lápis) e lançando uma longa corda (a linha) que toca o cavalo, o qual empina (a imagem do artista), enquanto a linha se distancia para envolver toda a cena num picadeiro de circo com a porta de entrada (a moldura). Picasso nos convida a assistir a espetáculo e participar da exuberância dos riscos e do puro encantamento de cada ato de criação.” (GALASSI, 1998, P 11)

3.3 Portinari e a pintura, memórias da infância.

Obra de Portinari



Imagem – 5 Portinari “Meninos com Pipas”, 1947, pintura a óleo/tela

A escolha desta obra para o desenvolvimento da proposta de produção de histórias desenhadas justifica-se pela riqueza de detalhes do ponto de vista da criação artística, da composição de cores e elementos visuais, como também pela alegria da brincadeira de empinar pipas com as outras crianças. O livro menciona o pintor Portinari como Candinho, que ao relacionar as suas brincadeiras de infância, mostra ao mesmo tempo a sua obra com todas as características que marcam o estilo e a sua trajetória artística.

No livro Crianças Famosas, Portinari, Trizmielina e Bonito, contam um pouco da história de vida da infância de Portinari, onde desde cedo demonstrou gosto e talento pelo desenho e pintura. Portinari quando criança, ficava horas desenhando com uma vareta no chão, não percebendo o passar das horas. O pai seu Batista

tinha uma venda onde Candinho subia na cadeira e desenhava nas folhas de papel de embrulho, que os fregueses levavam suas compras sem reclamar.

Aos 2 anos de idade sua família foi morar na cidade de Brodósqui, interior de São Paulo, local descobriu uma ceramista que faziaoringas. Candinho pedia dinheiro emprestado a avó e comprava asoringas e as pintava com uma vaquinha, um casinha ou um cavalinho e depois vendia, surpreendendo a todos já com suas pinturas. Desta forma juntou dinheiro para comprar uma caixa de lápis de cor que tanto desejava.

Candinho ainda criança um dia ajudou ao vigário Josué a explicar a um marceneiro o trabalho que queria executar na ornamentação de igreja, ele fez o desenho. O padre gostou muito desde desenho e pediu ao Candinho que ajudasse os artistas que chegariam, Candinho então trabalhou como ajudante dos artistas e recebeu 2 mil réis pelo trabalho.

Candinho foi se tornando um artista, com 15 anos foi para o Rio de Janeiro para estudar na Escola de Belas Artes encaminhado pelo pai. Após dez anos de estudos Portinari passa a demonstrar uma insatisfação e desejos de se libertar da influência da pintura européia e fazer o que “ seu coração mandava.”

Candido Portinari recebeu um prêmio e ganhou uma viagem para Paris em 1929. No entanto as suas raízes brasileiras foram marcantes em sua vida e obra. Portinari passa a pintar cenas da vida no campo e de sua infância, com um estilo nacionalista. Pintou muitas historias e lembranças de meninos de Brosdósqui, como Crianças Brincando de 1940, Rondam Infantil, 1932. Fez muitos murais um deles se chama “Jogos Infantis” que está no Palácio de Cultura, n Rio de Janeiro (TRIZMIELINA e BONITO, 1997).

Portanto, suponho que o planejamento de aulas pensado na abordagem da pintura de Portinari para o fazer artístico e recriação de uma estória com o movimento sequencial das crianças e suas pipas, não poderia ser melhor representado, por outro artista senão o próprio Portinari com toda a sua expressão e originalidade.

A exposição das obras de Picasso e Portinari acima teve o intuito de estimular a criatividade dos alunos no processo de produção de desenhos livres, baseados em estórias imaginadas por eles para que buscassem através destas estórias desenhos em uma só linha inspirados nestas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Artes Visuais no Primeiro ciclo do ensino fundamental, relato de uma experiência na Escola Municipal Francisco Borges de Fonseca, na cidade de Contagem, foi a proposta de estudo desta monografia que teve como objetivo um estudo sobre o ensino aprendizagem do aluno em artes visuais, baseados na experiência em sala de aula com a criação de estórias desenhadas, após a apreciação de obras dos artistas Picasso e Portinari.

Através deste estudo busquei pesquisar sobre o ensino de artes visuais no ensino fundamental a fim de tecer considerações sobre as contribuições de diferentes estudiosos sobre o tema e o resultado das experiências em sala de aula com alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental.

No desenvolvimento deste trabalho foi possível aprofundar no tema proposto como os parâmetros legais, as pesquisas recentes no que se refere às artes visuais no ensino fundamental que contribuíram para melhorar meus conhecimentos e aprimorar minha prática enquanto professor de arte.

No início do desenvolvimento deste trabalho os alunos tiveram um primeiro contato com as obras dos artistas Picasso e Portinari e demonstraram alegria ao ver desenhos e pinturas que de alguma forma estavam relacionadas à infância, as brincadeiras de soltar pipas, circo. Assim, após este momento de fruição os alunos puderam expressar seus sentimentos e ideias e após a apreciação das obras puderam questionar as imagens quanto aos aspectos sobre o tempo “se era dia ou noite”? ou quanto às cores, frias ou quentes. Quando as obras de Picasso foram apresentadas aos alunos, estes observaram a forma de desenhar, que trata de um exercício de produção de linha contínua sem interrupção, o que provocou nos alunos maior liberdade para a imaginação, sem a preocupação como o erro e uso a borracha, pois, desenhava-se primeiro no ar e depois no papel, como um jogo de adivinhações. Desta forma busquei levar os alunos a se sentirem mais seguros quanto à produção de seus próprios desenhos e busquei estimular a criatividade e o prazer de buscar a força da expressão da linha.

A potencialização desse exercício de percepção se desdobrou numa mistura de tons, cores e sons quando a imaginação foi provocada pela substituição da ideia da pipa representada na obra de Portinari pelo brinquedo barangandão. Todo o processo criativo e prazeroso de desenhar vivenciado e baseado na técnica de Picasso, em busca da construção da história desenhada, envolvendo agora o

barangandão, provocou muito a emoção e a sensação de surpresa com a experimentação de um novo suporte onde se desenha retirando a tinta e ao mesmo tempo produzindo uma linha brilhante e expressiva.

Ao conciliar os conhecimentos adquiridos nesse curso de especialização com a vivência do ensino de Arte nestas escolas, pude agregar muito mais qualidade ao meu trabalho, apesar do pouco tempo em cada escola. Por outro lado, também pude avaliar em pouco tempo em cada escola, um problema comum a todas, que é a grande carência de especialistas no ensino de Artes Visuais, que já vem desde a educação infantil. A oportunidade de se trabalhar com o ensino de Artes Visuais, em especial com o desenho, nesta fase da educação básica, permitiu a possibilidade de se trabalhar com crianças recém-chegadas da educação infantil.

Com essa oportunidade, venho conciliando o trabalho de professor de arte ao trabalho de artista e brincante, criador de canções, histórias cantadas, brinquedos e instrumentos musicais alternativos. Tenho transformado esse trabalho de substituições temporárias nas escolas, em uma pesquisa para a capacitação de educadores, de forma lúdica direcionada para esta faixa etária de alunos. Desta forma, a necessidade de sobrevivência de um professor e a falta de opção de trabalho, que nos obriga a trabalhar com essas substituições temporárias, as vezes em dois ou até três turnos, para muitos educadores é cansativa e fragmentada, para mim se tornou um processo de formação continuada também.

Socializar conhecimentos e compartilhar situações de aprendizado, em qualquer época da vida, são duas coisas que sempre deveriam ser vistas, por uma questão de bom senso e humildade, como um privilégio. Esta reflexão pode ser adotada em sentido amplo, tanto para a formação de valores humanos, quanto para a capacitação e a formação de educadores que atuam em todos os níveis do ensino, a partir do ensino infantil até o ensino superior. Isto se deve ao simples fato de que o conhecimento, como se diz na expressão popular: “nunca é demais”, porém se não for compartilhado e socializado, pode perder o seu sentido e seu valor. Pois se o bom educador é o profissional da educação, que se preocupa em preparar um educando como cidadão, ensinando-lhe a pensar e a se sensibilizar, evidentemente sempre irá buscar na própria capacitação pessoal e na construção coletiva com seu grupo de trabalho, a forma mais ética e prazerosa de ensinar. No caso específico do educador do ensino fundamental, esse educador, que tem a grande responsabilidade ser parte do processo da educação básica, destas crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL,. Ministério da Educação e do Desporto *Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte*, VOL 6, 2001.

COLEÇÃO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. *Grandes Mestres da Pintura, Pablo Picasso*, SÃO PAULO, 2006.

GALASSI, Susan G. *Picasso em uma Só Linha*. Ediouro Publicações S. A: RJ,1998

GOUTHIER, Juliana. História de Ensino da Arte no Brasil. In: PIMENTEL, Lúcia (org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Conteúdo Básico Curricular. Minas Gerais, 2005.

MOREIRA, A. Angelica Albano. *O Espaço do Desenho: A educação do Educador*. SP, Editora Loyola, 1993.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *O ensino de Artes e Sua Pesquisa, Possibilidades e Desafios*, in texto de aquecimento, s/d.

TRZMIELINA, N; BONITO, A. *A Crianças Famosas*. Callis Editora Ltda: São Paulo, 1997.

OBRAS:

Imagem – 1, Picasso “Aves” (1949), a lápis no papel, do livro Picasso em uma Só Linha, 1998

Imagem – 2, Picasso, “ Galo”, (1918), aquarela, do livro Picasso em uma Só Linha, 1998

Imagem – 3, Picasso “Animais” (1907), detalhe,caneta,do livro Picasso em uma Só Linha, 1998

Imagem – 4, Picasso, “Cavalo e treinador-malabarista”, 1920, lápis, do livro Picasso em uma Só Linha, 1998

Imagem – 5, Portinari “Meninos com Pipas”, 1947, pintura a óleo/tela, do livro Crianças Famosas, 1997